

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## **Ficha**

1) Referência – OMIZZOLLO, Poliana; SILVA, Milena da Rosa. O olhar do agente educador sobre a constituição psíquica de crianças acolhidas. Revista Subjetividades, Fortaleza, v.18, n.2, p. 105-116, ago. 2018.

2) Resumo e Palavras-Chave – Este estudo visa compreender, através do olhar de agentes educadores de instituições que acolhem crianças separadas de suas mães, como aquelas se constituem psiquicamente, tendo em vista a relevância da função materna para o desenvolvimento emocional do bebê. A partir da perspectiva dos agentes, refletimos sobre as possibilidades de desenvolvimento que cada criança encontra ao deparar-se privada da convivência com sua família de origem e acolhida em uma instituição. Assim, foram realizadas entrevistas com quatro profissionais que atuam diretamente no cuidado de bebês e crianças pequenas que se encontram em abrigos de Porto Alegre, e analisadas vinhetas de um caso clínico que impulsionou este escrito. A abordagem realizada possibilitou a compreensão de diversos fatores implicados na árdua tarefa do vir a ser enquanto sujeito no âmbito de uma instituição de acolhimento, enfatizando as possibilidades que irrompem quando consideramos um espaço para a escuta clínica. Percebemos, assim, que um vínculo calcado na confiança e na confiabilidade é possível, mas que, geralmente, encontra-se emaranhado por entre as dificuldades inerentes à função.

Palavras-chave: abrigo; constituição psíquica; relação mãe-bebê; privação.

3) Objetivo do estudo - Este estudo visa compreender, através do olhar de agentes educadores de instituições que acolhem crianças separadas de suas mães, como aquelas se constituem psiquicamente, tendo em vista a relevância da função materna para o desenvolvimento emocional do bebê.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Participaram deste estudo quatro profissionais (agentes educadores) que atuam diretamente no cuidado de bebês e crianças pequenas que se encontram em dois abrigos no município de Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas, através de questões abertas, que serviram como norte para o pesquisador. As entrevistas, gravadas e posteriormente transcritas, abordaram os seguintes temas: tempo que o profissional exerce a função atual; atividades que exerce; o papel que acredita exercer perante as crianças; o tipo de vínculo estabelecido e o tipo de cuidado é prestado; como percebe as crianças que ingressam na casa e qual o consequente

sentimento despertado nele próprio; como percebe o desenvolvimento das crianças por quem é responsável; os prazeres e as dificuldades do fazer; e como acredita que será lembrado futuramente pela criança.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – O estudo encontra suas bases teóricas no âmbito da psicanálise, de modo que a concepção de sujeito e sua subjetividade são tomadas como fundamentais nesse enlace que situa a criança pequena como um ser em estruturação e integração, ainda dependente. As entrevistas foram analisadas a partir de uma leitura clínica, de modo que o material foi organizado por temas posteriormente. Primeiro, foi realizada a escuta/leitura atenta do material gravado, com o intuito de resgatar os conteúdos de maior importância. Ao longo do trabalho, trechos das entrevistas foram descritos e identificados com nomes fictícios dos profissionais. Ademais, o caso clínico que motivou o escrito foi utilizado para complementar os achados das entrevistas. Tais achados foram discutidos em conjunto com proposições teóricas que podem lançar luz aos dados, bem como serem enriquecidas por eles, em um movimento de dupla mão entre teoria e evidências empíricas.

8) Resultados / dados produzidos – A opinião dos educadores entrevistados corrobora a premissa de que uma criança que sofre privação de um cuidado natural dispensado pela mãe/ambiente pode posteriormente sinalizar importantes dificuldades de estruturação. Ao mesmo tempo, percebem que, muitas vezes, as crianças que chegam parecem gostar do novo ambiente, pois esse fato decorre de situações que impediram que continuassem em seus lares, com seus pais e irmãos. Além disso, identifica-se certa preocupação dos agentes acerca de quem é e como será a criança que recebem. O discurso dos agentes educadores revela o quanto os acolhidos necessitam “ser mais fortes”, precisam sempre gritar mais alto, se fazerem vistas e escutadas. Temas importantes que nortearam as conversas com os agentes educadores perpassaram pelo que corresponde ao papel e também ao vínculo que cada agente estabelece com as crianças. Identificamos discursos que divergem a esse respeito: enquanto alguns acreditam que exercem um papel fundamental, semelhante ao desempenhado pela família, há também os que desacreditam desse vínculo, atendo-se ao profissionalismo. Assim, ao mesmo tempo em que percebem as crianças como carentes e sofridas, também percebem que esse vínculo não é suficiente, que ele não dá conta de satisfazer as necessidades da criança, nem recuperar o que já sofreram. Não se sentem preparados para tal, não sabem como agir, pois percebem o quanto as crianças são suscetíveis à formação de vínculos. Foi possível perceber que as formas de agir, pensar e sentir enquanto agente educador em uma casa de acolhimento, podem possuir um significado muito mais abrangente e intenso do que o pressuposto por eles próprios. Lá, mostrou-se indiscutível a necessidade de um fazer a mais, um fazer pelos que cuidam, para aqueles a quem foi conferida a incumbência desse cuidar. Lá, onde vivem (e sobrevivem) crianças com as mais diferentes histórias, mais diferentes marcas, mais diferentes formas de esperança, há a primordialidade de um olhar menos condolente e mais identificatório, capaz de supor que ali existe alguém.

9) Recomendações – Acreditamos que, como defendido por Silva, Martins e Lisboa (2017), a partir da formação e qualificação dos profissionais que trabalham com bebês, mas também do amparo, pode-se oferecer a escuta e o espaço que viabilizam a atribuição de novos sentidos, e a construção de experiências de vida mais enriquecedoras e mais genuínas.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.